

Sensualidade e regressão nos romances brasileiros de Robert Menasse

[Sensuality and regression in Robert Menasse's Brazilian novels]

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-8837275193>

Luis Krausz¹

Abstract: This article discusses the image of Brazil in Robert Menasse's *Sinnliche Gewißheit* and *Selige Zeiten, brüchige Welt*. Sensuality and regression play a decisive role within these two novels' as they are essential to the author's rendering of Brazilian characters. The relief provided by mimesis and regression, as discussed by Jeanne-Marie Gagnebin, are at the root of a kind of Dionysian pleasure which is portrayed by Menasse as an important aspect of Brazilian culture. This mimetic experience is related to the abandoning of crystallized cultural identities, to the dissolution of the self in the dream (or in nightmare) of Hegel's *sinnliche Gewissheit*. Its renderings in the novel can be seen as criticizing the social reality in Brazil in the final years of the military dictatorship.

Key-words: [key-words] Austrian literature; forgetfulness; sensuality; dionysism; literary renderings of Brazil

Resumo: Este artigo discute a imagem do Brasil nos romances brasileiros de Robert Menasse *Sinnliche Gewißheit* e *Selige Zeiten, brüchige Welt*. Os conceitos de sensualidade e de regressão desempenham um papel central nos enredos desses romances, relacionando-se, particularmente, com os retratos que o autor faz dos brasileiros. O alívio que a mímese e a regressão proporcionam ao indivíduo, como mostra Jeanne-Marie Gagnebin, estão na base de um prazer dionísíaco, que é associado por Menasse aos brasileiros. Esta experiência mimética relaciona-se ao abandono de identidades culturais cristalizadas e à dissolução do "eu" no sonho (ou pesadelo) coletivo chamado por Hegel de *sinnliche Gewissheit*. Suas representações no romance podem ser entendidas como críticas ao Brasil à época do fim da ditadura militar.

Palavras-chave: Literatura austríaca; esquecimento; sensualidade, dionisismo; representações do Brasil

Zusammenfassung: In diesem Artikel wird das Brasilienbild in Robert Menasses Brasilien-Romanen *Sinnliche Gewißheit* und *Selige Zeiten, brüchige Welt* diskutiert. Die Begriffe von

¹Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Orientais, Rua do Lago, 717, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP, 05508-900, Brasil. Email: lkrausz@usp.br. ORCID: 0000-0002-1753-9470.

Financiamento: Alexander von Humboldt-Stiftung



Sinnlichkeit und Regression spielen in den Handlungen dieser Romane eine zentrale Rolle, und beziehen sich in erster Linie auf die Schilderungen des Verhaltens der Brasilianern. Die Erleichterung, welche Sinnlichkeit und Regression dem Gewissen ermöglichen, liegt einer dionysischen Freudeerfahrung zugrunde, die auch mit Selbstvergessen verbunden ist. Diese dionysisch-mimetische Erfahrung scheint das eigentliche Thema dieser Romane zu bilden. Es handelt sich um eine kulturfeindliche, ja kulturzerstörerische Freude, um einen Rausch, der die Auflösung des Ichs in einem Kollektivtraum (oder Altraum) bedeutet, der von Hegel als *sinnliche Gewissheit* beschrieben wird, und die im Mittelpunkt dieser Romane steht. Die Darstellungen dieses Rausches sind daher als eine Kritik Brasiliens am Ende der Militärdiktatur zu verstehen.

Stichwörter: Österreichische Literatur; Vergessen; Sinnlichkeit; Dionysismus; Brasilienbilder

1 ○ progresso e a certeza sensível

Hegel estabelece em sua filosofia um entendimento particular da história, voltado para o futuro e para o progresso: segundo o filósofo, se a história é o resultado e o reflexo da ação da razão sobre o mundo, o processo histórico, e com ele, por óbvio, a passagem do tempo, necessariamente significa a implementação de uma realidade a cada tanto mais sintonizada com a razão, por ele considerada como o princípio supremo do Universo e, portanto, mais perfeita. Tal postulado hegeliano é também o fundamento do positivismo, o sistema filosófico sobre o qual se constitui a era burguesa industrial, alicerçada num entendimento otimista do processo histórico e da passagem do tempo, e numa visão rósea do futuro, que tem no conceito de *progresso* seu princípio fundamental. Segundo Emil Angehrn (2014):

Geschichte ist ein Thema, das in Hegels Philosophie eine zentrale Stellung einnimmt und für welches Hegels Werk seinerseits einen geradezu exemplarischen Rang besitzt. Sie ist in seiner Philosophie sowohl fundamental wie in vielfältigen Zusammenhängen und unterschiedlichen Modalitäten präsent. Sie prägt sein Denken im Kern und im Ganzen. Hegels Philosophie lässt sich im Ganzen als Geschichtsphilosophie kennzeichnen. (ANGEHRN2014: 198)

O pensamento de Hegel, assim, contempla a passagem do tempo a partir de uma perspectiva progressista e, sobretudo, otimista, na qual o conhecimento racional e científico parece predestinado a instaurar uma era de felicidade e de verdade para a humanidade como um todo. Ainda segundo Angehrn,

Den unstrittigen Kern in Hegels Lektüre der Geschichte bildet deren immanenter Vernunftanspruch. Der Titel, unter dem J. Hoffmeister Hegels Einleitung zur Geschichtsphilosophie herausgegeben hat - „Die Vernunft in der Geschichte“ -, ist zu dem

Stichwort für Hegels Geschichtsdenken geworden. Es lässt sich in verschiedener Weise verstehen. In prinzipiellster Weise steht es für den Anspruch der rationalen, wissenschaftlichen Erkenntnis, den Hegel von der Sphäre der Natur, für die er gemeinhin zugestanden ist, auf die Welt des Menschen und seine Hervorbringungen ausweiten will: Anaximanders Satz, dass die Vernunft die Welt regiere, soll mit gleichem, ja höherem Rechte in der Weltgeschichte zur Geltung gebracht werden. Des näheren beinhaltet der Titel eine inhaltliche Prämisse bezüglich des Gegenstandes: die Annahme einer immanenten Vernünftigkeit der realen Welt, wie sie die berühmten Sätze aus der Vorrede zur Rechtsphilosophie - „was vernünftig ist, das ist wirklich, und was wirklich ist, das ist vernünftig“ - statuieren. (ANGEHRN 2014: 201-202)

Em suas *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Hegel afirma categoricamente sua confiança incondicional no triunfo da razão sobre a história, fenômeno que lhe parece necessário, uma vez que considera indiscutível que a razão governe o mundo:

Der einzige Gedanke, den die Philosophie mitbringt, ist aber der einfache Gedanke der Vernunft, daß die Vernunft die Welt beherrsche, daß es also auch in der Weltgeschichte vernünftig zugegangen sei. Diese Überzeugung und Einsicht ist eine Voraussetzung in Ansehung der Geschichte als solcher überhaupt; in der Philosophie selbst ist dies keine Voraussetzung. Durch die spekulative Erkenntnis in ihr wird es erwiesen, daß die Vernunft, – bei diesem Ausdrucke können wir hier stehen bleiben, ohne die Beziehung und das Verhältnis zu Gott näher zu erörtern –, die Substanz wie die unendliche Macht, sich selbst der unendliche Stoff alles natürlichen und geistigen Lebens wie die unendliche Form, die Betätigung dieses ihres Inhalts ist. (HEGEL 1924 : 6)

Helmut Gollner (2021: 220) chama Hegel de *Oberidealist der Bürgerlichkeit*: seu sistema filosófico pressupõe que a humanidade estaria no caminho do *progresso*, uma categoria alçada ao estatuto de verdadeiro ídolo na mentalidade burguesa.

Esta filosofia otimista da história, voltada para a *construção* de um futuro glorioso, supostamente melhor a cada dia, encontra na *IX Tese sobre o conceito de história*, de Walter Benjamin, uma de suas refutações mais eloquentes: Benjamin apresenta uma visão desencantada e pessimista do processo histórico na qual a ideia de *progresso* é reduzida a uma ilusão, e em que o progresso é representado como nada além de um acúmulo incessante e repetitivo de escombros:

Der Engel der Geschichte muss so aussehen. Wo eine Kette von Begebenheiten *vor* uns erscheint, da sieht *er* eine einzige Katastrophe, die unablässig Trümmer auf Trümmer häuft und sie ihn vor die Füße schleudert. Er möchte wohl verweilen, die Toten wecken und das Zerschlagene zusammenfügen. Aber ein Sturm weht vom Paradiese her, der sich in seinen Flügeln verfangen hat und so stark ist, dass der Engel sie nicht mehr schließen kann. Dieser Sturm treibt ihn unaufhaltsam in die Zukunft, der er den Rücken kehrt, während der

Trümmerhaufen vor ihm zum Himmel wächst. Das, was wir den Fortschritt nennen, ist *dieser* Sturm. (BENJAMIN 1980: 697-8)

Estas duas visões radicalmente opostas do processo histórico e da passagem do tempo, que são fundamentais na filosofia alemã, estão representadas e confrontadas nos romances brasileiros de Robert Menasse, *Sinnliche Gewißheit* e *Selige Zeiten, brüchige Welt*. Estes romances estruturam-se, em boa parte, em torno de uma história de amor malograda entre Leo Singer, especialista em Hegel, filho de pais judeus que se refugiaram do nazismo no Brasil, e Judith Katz, especialista em Walter Benjamin, igualmente filha de refugiados austríacos do nazismo, nascida no Brasil, que se dirige a Viena para estudar na Universidade e, estando de volta ao País, tenta escrever um longo tratado sobre o tema da *Volta do anjo da história*. Neste sentido, pode-se também pensar nestes dois personagens como representantes de duas concepções mutuamente exclusivas do processo histórico, já que Leo Singer imagina poder, no Brasil, dar seguimento às reflexões filosóficas de Hegel, enquanto Judith Katz toma como tarefa o retorno impossível do *Angelus novus* de Benjamin, que é impelido por uma ventania para um lugar cada vez mais distante do Paraíso.

O tema da certeza sensível – a *sinnliche Gewissheit* hegeliana, categoria que se contrapõe à razão e é considerada por Hegel como o estágio mais baixo das faculdades humanas –, e que dá título a um dos dois romances brasileiros de Menasse, ocupa um lugar central nas trajetórias retratadas nestas duas narrativas: se por um lado tanto Leo Singer quanto Judith Katz malogram em seus projetos filosóficos, em grande parte porque, estando no Brasil, terminam sucumbindo a uma sensualidade exaltada pelo consumo maciço de álcool e de drogas, que momentaneamente lhes dá a ilusão de terem alcançado o conhecimento de grandes verdades filosóficas as quais, no entanto, passado o estado de exaltação induzido pelas drogas, se desfazem no nada, o que se passa com Roman Gilanian, o protagonista de *Sinnliche Gewißheit* é, de certa maneira, análogo. A trajetória de Roman Gilanian coincide, em muitos pontos, com a do próprio Robert Menasse: ele vem ao Brasil para trabalhar como *Lektor* de alemão do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD) na Universidade de São Paulo, e rapidamente é levado por uma série de circunstâncias a deixar de lado seus afazeres acadêmicos, passando a se envolver emocionalmente e sentimentalmente com uma variedade de personagens, a respeito dos quais o autor externa claramente suas

opiniões, e que são facilmente identificáveis, pelo menos em boa parte, com figuras conhecidas do Departamento de Alemão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP na década de 1980.

Neste sentido, *Sinnliche Gewißheit* é uma espécie de *roman à clef* que, ao mesmo tempo, retrata o desalento em torno dos estudos humanísticos nos meios acadêmicos brasileiros no período final da ditadura militar no País.

Tanto na trajetória de Léo Singer quanto nas de Judith Katz, Roman Gilanian e de outras figuras do mundo intelectual e artístico presentes no romance o mundo intelectual e espiritual sucumbe sob a sensualidade que, no retrato de Menasse, domina a vida brasileira, bem como sob o crasso materialismo encarnado pelos representantes dos poderes constituídos – e também dos mandantes do rápido processo de industrialização pelo qual o País passou no período em questão.

Assim, o Brasil que Menasse representa neste romance é, de fato, o império das certezas sensíveis e, com isto, o lugar por excelência da regressão e da ilusão. Pois, segundo Hegel, por trás da aparente riqueza das certezas sensíveis esconde-se a mais patente ilusão:

Der konkrete Inhalt der *sinnlichen Gewißheit* läßt sie unmittelbar als die *reichste* Erkenntnis, ja als eine Erkenntnis von unendlichen Reichtum erscheinen, für welchen ebensowohl, wenn wir im Raume und in der Zeit, als worin er sich ausbreitet, *hinaus*, - als wenn wir uns ein Stück aus dieser Fülle nehmen, und durch Teilung in dasselbe *hineingehen*, keine Grenze zu finden ist. Sie erscheint außerdem als die *Wahrhafteste*; denn sie hat von dem Gegenstand noch nichts weggelassen, sondern ihn in seiner ganzen Vollständigkeit vor sich. Diese *Gewißheit* aber gibt in der Tat sich selbst für die abstrakteste und ärmste *Wahrheit* aus. (HEGEL, 2010: 78)

A abdicação da razão em favor da certeza sensível é, implicitamente, entendida por Hegel como regressão e degradação, como a volta injustificável a um estágio evolutivo anterior no *progresso* da humanidade. É por este motivo que a certeza sensível necessariamente deve ser subordinada à razão e por ela conduzida segundo o pensamento hegeliano. Em outras palavras, a filosofia hegeliana se volta decisivamente *contra* os sentidos, e os contrapõe ao conhecimento considerado mais *verdadeiro*, que é aquele fundamentado na razão.

Se o tempo da razão é o tempo do progresso, o tempo da certeza sensível é o da estagnação e do imobilismo, dos ciclos que revolvem sempre em torno de um mesmo fulcro, e que se repetem, idênticos, ao longo da passagem dos séculos.

É em torno do pressuposto hegeliano da supremacia da razão e do progresso, e também do questionamento a este pressuposto, que gravitam, em boa parte, os enredos dos romances brasileiros de Menasse. As desastradas trajetórias humanas representadas nestes romances parecem reiterar a validade das ideias hegelianas, às quais, então, Robert Menasse implicitamente subscreveria.

No entanto, se a volta ou a regressão às certezas sensíveis, isto é, à *sinnliche Gewissheit*, é um tema recorrente nestas narrativas, nelas se encontra, igualmente, uma crítica às concepções progressistas de história, diretamente derivadas da filosofia hegeliana e, portanto, à própria filosofia otimista de Hegel, que atribui ao triunfo da razão uma espécie de caráter redentor e messiânico.

2 O Brasil: país da certeza sensível?

Roman Gilanian, o narrador em primeira pessoa de *Sinnliche Gewißheit*, e *alter-ego* do seu autor, cuja trajetória como *Lektor* de alemão na Universidade de São Paulo guarda paralelos evidentes com a trajetória do próprio Robert Menasse, afirma não ser capaz de dizer coisa alguma sobre o Brasil, nem sobre os brasileiros: „Zum Thema ‚der Brasilianer‘ wußte ich nichts zu sagen, die Brasilianer, die Europäer, die Deutschen oder Österreicher gar. Ich fühlte mich noch nicht wirklich in Brasilien angekommen, ich war nur geographisch da...“ (MENASSE 1988: 146)

Ainda assim, a imagem do país e de seus habitantes que transparece das páginas dos romances “brasileiros” de Menasse é a de um lugar no qual a regressão às certezas sensíveis é inescapável. O Brasil é representado como uma espécie de império dos sentidos, no qual o jogo, a sensualidade e a encenação, isto é, os aspectos lúdicos e irracionais da existência, que se esgotam em si mesmos e que *não* possuem objetivos ulteriores, se sobrepõem aos comportamentos fundamentados na racionalidade, aos comportamentos utilitaristas e supostamente “objetivos”, destinados a alcançar metas determinadas – sejam estas materiais ou espirituais. Em outras palavras, é o país do

naufrágio dos modelos progressistas. Todos os tipos de projetos culturais que os personagens destes romances tentam implementar – a reflexão filosófica de Hegel, da qual Leo Singer acredita ser capaz de ser um continuador; a reflexão sobre a volta do anjo da história de Walter Benjamin, à qual se dedica Judith Katz; a carreira artística de Oswald; a coleção de obras de arte de Joseph Löwinger e até mesmo a docência de língua e literatura alemã na Universidade de São Paulo, à qual deveria dedicar-se Roman Gilanian – terminam malogrados.

Por outro lado, o mergulho no universo das certezas sensíveis se impõe sobre as vidas destes personagens como uma espécie de fatalidade inescapável ante as circunstâncias que os cercam em São Paulo: eles ou bem se entregam ao alcoolismo e ao consumo de drogas, ou bem dissolvem suas existências num hedonismo inconsequente e vazio, e se encaminham na direção de um completo esquecimento de seus planos, metas e propósitos, mas também de qualquer tipo de projeto artístico ou intelectual de fôlego. Tudo parece naufragar na ebulição permanente de uma sensualidade tropical, que se impõe de maneira avassaladora sobre as trajetórias catastróficas destes personagens, como força dionisíaca irresistível, capaz de destruir tudo o que se encontra para além dos seus limites.

O clima, tanto o clima de desprezo pelo trabalho árduo, pelas artes e pelos conhecimentos humanísticos, quanto o próprio clima físico brasileiro conforme descrito por Menasse, parece desempenhar um papel significativo nesse fenômeno. Há uma passagem de *Sinnliche Gewißheit* que ilustra essa visão de maneira exemplar:

Der nächste Tag war so heiß, daß man beim Gehen im Asphalt Spuren zurückließ. Ich mochte das nicht gern. Vor dem Haus stand Maria mit dem Wasserschlauch und spritzte den Vorplatz. Sie trug Plastiksandalen, eine abgeschnittene Jeans und ein T-Shirt, das so eng war, daß es auch in die Falten kroch, die ihr Büstenhalter ins Fleisch schnitt. Den Schlauch hielt sie mit einer eigentümlichen vergnügten Monotonie mal dahin mal dorthin. Man hatte das Gefühl, daß das Wasser schon verdunstete, bevor es auf den Boden traf. Manchmal sah es aus, als würde Maria nur einen kleinen Regenbogen waschen, auf den sie mit ihrem Schlauch zielte. Das war eine schöne Kunst, die mich minutenlang interessierte. (MENASSE 1988: 16-17)

Roman Gilanian deixa-se encantar pelo jorrar da água de uma mangueira, que captura completamente sua atenção – como, aliás, parece capturar a de Maria – como se ambos fossem crianças. Ele a acompanha em seu prazer monótono de dirigir o jato de água ora para um lado, ora para outro, como que hipnotizado, e assim um gesto

aparentemente banal de uma empregada doméstica subitamente se transforma numa *schöne Kunst*, em algo que é capaz de mobilizá-lo inteiramente, de afastá-lo, ao menos provisoriamente, de sua necessidade permanente de pensar, projetar, categorizar, verbalizar – enfim, representar, racionalizar e interpretar a realidade que o cerca para, em vez disto, simplesmente mergulhar na contemplação da experiência sensorial de Maria.

A experiência de entrega aos sentidos é também, a experiência dionisíaca do *esquecimento*: a empregada doméstica que se entrega inteiramente ao gesto simples de lavar a calçada evidencia o descaso por tudo aquilo que Hegel considera a verdade e traduz o prazer despreocupado, a alegria pelo simples existir, a dissolução do “eu” na beleza de um instante, o abandono das ideias. Ao se concentrar inteiramente no instante, é como se Maria fosse capaz de deter a passagem do tempo e de capturar, num instante, a grandeza do infinito. Neste sentido, seu gesto é em tudo oposto ao gesto do homem hegeliano, cuja presença no mundo é marcada pelas buscas incessantes por saber, por progresso, por dominar a natureza – enfim, pela diligência na implementação de determinadas medidas que têm em vista objetivos ulteriores, *metas* que se encontram para além do gesto e para além do presente.

Duas concepções opostas de tempo encontram-se em jogo aqui: de um lado, aquela fáustica-titânica, que entende sua passagem como um fenômeno do qual é preciso extrair vantagens, no sentido de instaurar um determinado estado de coisas, no sentido de se implementar um projeto progressista, e que, implicitamente, se baseiam numa visão hegeliana (e capitalista) do processo histórico, e outra que, estranha aos parâmetros da modernidade burguesa, parece propor uma fusão entre o indivíduo e os fenômenos que o cercam, uma simbiose entre o homem, o tempo e a natureza, na qual a certeza sensível, em vez de ser subjugada pela razão e por suas mil formas de aplicabilidade, é uma realidade de supremacia inquestionável, alçada ao grau de absoluto, uma espécie de porta para a atemporalidade. Paira uma *magia* em torno da descrição desta cena, como se o tempo que Maria passa diante do esguicho fosse um tempo fora do tempo, isto é, um tempo que, emancipado do seu sentido *prático*, se consagra, transcende a si mesmo e comunga com a eternidade.

É em torno dessas duas concepções diversas de tempo – o tempo “racional” e o tempo livre da razão – que gravitam muitas das discussões filosóficas presentes nos enredos dos romances brasileiros de Robert Menasse. Há, por exemplo, uma passagem

de *Sinnliche Gewißheit* que Roman Gilanian conversa com Leo Singer numa de suas frequentes noitadas num bar frequentado por expatriados austríacos e alemães no bairro paulistano do Alto da Boa Vista, o Bar Esperança. Gilanian diz: „Ich entgegnete, daß die ‚Sinnliche Gewißheit‘, soweit ich mich erinnere, doch das erste Kapitel der *Phänomenologie des Geistes* sei, also der Ausgangspunkt oder, mit anderen Worten, die primitivste Stufe des menschlichen Bewußtseins beschreibe.“ (MENASSE 1988: 68). E, pouco mais adiante, ele afirma: „diese Erfahrung – was immer sie jetzt auch sei – der ‚Sinnlichen Gewißheit‘ hat aber kein unmittelbares Geschichtsziel, kein Ende, sie geht über in die nächste Stufe der Entwicklung, in die – ich blätterte einmal um – in die ‚Wahrnehmung‘.“ (MENASSE 1988: 185)

A passagem de Hegel citada por Gilanian volta-se, decisivamente, *contra* a experiência embriagante dos sentidos, considerada sem objetivo e sem finalidade e, portanto, privada de razão e de validade. O abandono de uma mentalidade marcada pela predominância dos modos racionais de conduzir a vida, orientados para a realização de objetivos específicos, portanto *utilitaristas* e, além disso, inseridos num projeto *político*, e sua substituição por uma maneira *sensorial* e *hedonista* de existir, na qual o desfrutar do *presente* predomina sobre todos os tipos de projetos voltados para o futuro, é a causa da falência dos projetos iniciados pelos personagens dos romances brasileiros de Menasse.

Uma trajetória tipicamente brasileira representada em *Sinnliche Gewißheit*, e emblemática do triunfo das certezas sensíveis, é a de Beatriz, mulher da elite paulistana, que Roman Gilanian fica conhecendo no *Bar Aspirina*, no exclusivo distrito paulistano dos Jardins, local de encontro de uma clientela que é descrita por Menasse da seguinte forma: „Sorgenlose Menschen, die nur die eine Sorge hatten, daß die sorglose Vergnügtheit nicht nachläßt, frequentierten dieses Lokal.“ (MENASSE 1988: 22)

Se o prazer despreocupado, proporcionado pelo simples fato de existir, é tematizado na descrição da empregada que lava a calçada num dia de calor, ele parece adquirir o estatuto de valor supremo para os frequentadores deste local noturno, cuja existência, segundo o olhar de Gilanian, se esgota na ciranda infindável de prazeres, uma representação do estilo de vida hedonista das assim chamadas “boas famílias” brasileiras, que gravita em torno de círculos repetitivos de distrações sem qualquer sentido ulterior, isto é, sem qualquer *utilidade* ou propósito que não seja o prazer do momento. Trata-se

de uma *dolce vita*, cuja incessante repetição, o permanente girar em torno de si mesma, *nãolevaa parte alguma*, esgota-se em si mesma.

Esta vida de ostentação e de deleite estrutura-se em torno de parâmetros em tudo distantes das ideias hegelianas acerca do tempo e da história, e corresponde, sobretudo, a uma visão negativa acerca do trabalho, visto como um mal a ser evitado – e não como um instrumento para a realização de um progresso redentor. Beatriz encarna este estilo de vida e exemplifica as regalias das quais desfrutam os chamados “quatrocentões”, as antigas famílias patricias que se instalaram no Brasil à época do colonialismo português, e que fundaram uma espécie de aristocracia feudal no País, cujos membros efetivamente foram agraciados com títulos de nobreza à época do Império. Os descendentes dessas famílias, no mais das vezes livres de qualquer tipo de preocupação econômica, parecem tão habituados a serem servidos por todos que, para muitos, a despreocupação se transformou em problema. Ao mesmo tempo, esta aristocracia mimetiza modelos de comportamento de uma antiga elite europeia pois possui riquezas em tal medida que chega a construir, para uso próprio, Europas em miniatura no interior de seus palácios, com móveis e obras de arte europeias, assim como professores particulares, preceptores e governantas de língua francesa ou alemã, cuja tarefa é educar os filhos à moda europeia e assim, supostamente, assegurar seu pertencimento à “civilização”.

É assim que surgem, na São Paulo do século 20, paisagens interiores europeias onde todos os tipos de deleites sensíveis e espirituais europeus se encontram em medidas inimagináveis até mesmo para um membro das classes sociais mais elevadas na Europa. As “boas famílias” empenham-se não só em adquirir aparências e hábitos europeus como também em adquirir, na medida do possível, um verniz de formação e cultura europeias. É o antigo mundo dos *grã-finos*, descrito por Claude Lévi-Strauss em *Tristestropiques*:

L'élite pauliste, pareille à ses orchidées favorites, formait une flore nonchalante et plus exotique qu'elle ne croyait. Les botanistes enseignent que les espèces tropicales comprennent des variétés plus nombreuses que celles des zones tempérées bien que chacune soit, en revanche, constituée par un nombre parfois très petit d'individus. Le *gran fino* local avait poussé à l'extrême cette spécialisation.

Une société restreinte s'était réparti les rôles. Toutes les occupations, les goûts, les curiosités justiciables de la civilisation contemporaine s'y rencontraient, mais chacune figurée par un seul représentant. (...)

Il faut bien reconnaître que certains rôles étaient tenus avec un brio extraordinaire, dû à la combinaison de la fortune héritée, du charme inné et de la roublardise acquise, qui rendaient si délicieuse et si décevante en même temps la fréquentation des salons. (LÉVI-STRAUSS 1955: 111)

O mimetismo dos modelos europeus, especialmente franceses, que sempre foi típico para a elite brasileira da primeira metade do século XX, levou à construção do centro de São Paulo, hoje semi-arruinado, conforme modelos parisienses, o que inclui um Teatro Municipal que é praticamente uma *Opéra Garnier* em miniatura. A São Paulo dos *grã-finos* é uma imitação dos *beaux quartiers* de Paris.

A questão do mimetismo é implicitamente tratada por Menasse por meio da figura de Beatriz e dos demais membros de sua classe social, a elite dos herdeiros paulistanos: eles tomam por modelo a elite europeia, mas desfrutam de confortos e de uma vida ociosa já muito raros na Europa desde a queda do Antigo Regime. Apropriando-se de determinados emblemas de culturas europeias, os representantes desta elite os reinventam, por assim dizer, transformando-os em objetos de ostentação.

Depois da 2ª. Guerra Mundial, os modelos europeus foram substituídos por modelos norte-americanos, enquanto São Paulo rapidamente se enchia de arranha-céus, para orgulhosamente apresentar-se ao mundo como *fastest growing city in the world*.

Seja como for, aos olhos da elite brasileira, tudo o que vem da Europa ou dos EUA, parecia (e ainda parece) envolto por uma aura especial. A tendência ao exibicionismo é também algo que Menasse destaca na caracterização que faz de Beatriz. É assim que Beatriz, mulher atraente, já não mais tão jovem, que se imagina mais *sexy* do que ela realmente é, se sente profundamente lisonjeada quando Roman Gilanian diz a ela que ela nem parece ser brasileira:

Ich sagte, daß sie gar nicht wie eine Brasilianerin wirke, sondern eher wie eine Europäerin. Ich weiß nicht, ob ich mich richtiggehend vor mir selbst schämte, aber ein flaes Gefühl breitete sich augenblicklich in mir aus – und wieviel Platz es fand, um sich auszubreiten! Was soll das sein, eine ‚Europäerin‘? Was ist typisch ‚europäisch‘, was ‚brasilianisch‘ oder ‚lateinamerikanisch‘ gar? (MENASSE 1988: 26)

O esforço dos membros da classe social a que pertence Beatriz no sentido de adquirir um verniz de educação europeia são resumidos na seguinte trecho:

„Yesss!“ sagte Beatriz, sich wieder mir zuwendend, es sei schade, daß sie jetzt nicht Deutsch mit mir reden könne, das wäre jetzt *very nice* gewesen. Und sie erläuterte diesen Satz mit dem ersten Kapitel ihrer Biographie: In ihrer frühen Kindheit sei nämlich bei ihr zuhause nicht nur Portugiesisch, sondern auch Französisch und Deutsch gesprochen worden. Ihr Vater habe auf europäische Ausbildung und europäische Lebensformen, wie sie sagte, größten Wert gelegt. Die Kinder, also sie, ihre Schwester und ihr Bruder, hätten sogar Hauslehrer für Deutsch und Französisch gehabt. Als aber Deutschland den zweiten

Weltkrieg auslöste, habe ihr Vater von einem Tag auf den anderen nie wieder Deutsch gesprochen, die Sprache im Haus verboten und statt des deutschen Hauslehrers sei dann immer ein Englischlehrer gekommen. (MENASSE 1988: 25)

Não é por simples acaso que Gilanian fica conhecendo Beatriz justamente numa noite em que há um baile à fantasia no Bar Aspirina, e que ele tenta seduzi-la ao dizer que ela se *parece* em tudo a uma europeia. Todos os esforços no sentido da aquisição de um verniz europeu também podem ser compreendidos como uma espécie de baile de máscaras: são tentativas de ostentar ares de um outro lugar, supostamente melhor, como uma espécie de ornamento.

As perguntas relativas às relações entre europeus e brasileiros que Roman Gilanian se faz, como se vê, não estão livres de clichês no que diz respeito aos brasileiros, representados como alheios às ideias de Hegel que dizem respeito ao tempo e ao processo histórico, isto é, impermeáveis aos imperativos do *progresso*.

3 ○ progresso: contra ou a favor?

Ao mesmo tempo, os representantes do capitalismo industrial europeu que aparecem no romance, que olham para os brasileiros, especialmente quando estes pertencem às classes subalternas, com desdém e com os preconceitos típicos do discurso colonialista, e que são, por assim dizer, obcecados pelo progresso são criticados por Menasse, que os representa de maneira negativa.

Duas passagens do livro ilustram bem este desdém e os preconceitos dos europeus, por um lado, e o distanciamento do autor ante esta atitude. Na primeira são reproduzidas as palavras de D. Ilse, esposa de um funcionário de uma empresa alemã, em cuja casa, situada no bairro paulistano da Granja Julieta, Gilanian aluga um quarto mobiliado. Seu discurso resume uma visão corrente sobre a inconsequência dos brasileiros:

Der Brasilianer kann bei Blumen nicht vorbeigehen, ohne sie auszureißen. Hundert Meter weiter wirft er sie weg. Der Brasilianer glaubt, das wächst alles einfach so, von selbst. Er denkt gar nicht daran, daß diese Blumen das Ergebnis von Arbeit, von Pflege sind, weil man sich freuen will, wenn man aus dem Fenster schaut und die Blumen sieht. – Der Brasilianer wird dieses nie verstehen, jenes nie begreifen, nein, das begreift er nicht, der Brasilianer. (MENASSE 1988: 145)

A outra passagem refere-se às rivalidades entre europeus e brasileiros no *Bar Esperança*, que é conhecido entre seus clientes de língua alemã como *Bar jeder Hoffnung*.

Também aqui os brasileiros, sua cultura e seus costumes são, em princípio, desprezados, exemplificando uma relação de antemão assimétrica:

Die *Bar Esperança* gehörte einem Wiener, wodurch dieses Lokal sehr rasch zum Treffpunkt der in São Paulo lebenden Österreicher geworden war. Es war also wie das *Café Sport* in Wien, nur eben antipodisch, ebenfalls vor allem von Ausländern besucht. Das Stammpublikum bestand im wesentlichen aus zwei Gruppen, auf der einen Seite österreichische Geschäftsleute, Unternehmer, Angestellte multinationaler Konzerne, auf der anderen Seite Künstler und Intellektuelle, dies deshalb, weil Oswald, der Wirt, ein in São Paulo gerade sehr geschätzter Maler war. (...) Zwischen den beiden Gruppen herrschte nach einigem Alkoholkonsum, der regelmäßig zu Mächtigkeitsräuschen führte, ein harmonisches Einverständnis der eigenen Überlegenheit gegenüber den Einheimischen, verächtlich „die *Brasis*“ genannt. (MENASSE 1997: 325)

O lugar das narrativas de Menasse é na verdade um triângulo que aparentemente só por acaso está inscrito na geografia de São Paulo, em cujas pontas se encontram, primeiramente, os bairros contíguos do Brooklin, Alto da Boa Vista e Granja Julieta; em segundo lugar, a Cidade Universitária e, em terceiro lugar, os Jardins. Este ambiente físico, porém, acaba tendo pouco significado em narrativas que se desenrolam principalmente no interior de residências, restaurantes, bares e hotéis. Ainda que esses interiores se encontrem na cidade de São Paulo, eles parecem separados dela. Até mesmo locais públicos, como o *Bar Esperança*, que tem um papel importante nos dois romances, parecem sempre distanciados da realidade urbana: a partir desses interiores, São Paulo, e o Brasil, são contemplados à distância, como mundos estranhos, habitados por gente estranha, e aos quais os personagens austríacos e alemães não pertencem nem desejam pertencer. Os europeus não só se sentem como estrangeiros na cidade como também parecem orgulhar-se de seu pertencimento a outros lugares, já que os brasileiros e seus costumes são, *a priori*, desprezados.

Se Menasse, em suas narrativas, reprovava e distancia-se das visões negativas e colonialistas sobre os brasileiros expressas por seus personagens, associando-as às tendências fascistas, como as de D. Ilse, por outro lado ele não apresenta qualquer tipo de olhar alternativo: não se encontram, em seus romances, personagens brasileiros que não correspondam aos clichês dos discursos dos estrangeiros.

Assim, ao mesmo tempo em que são criticados os preconceitos “colonialistas” dos representantes da cultura austro-alemã em São Paulo em relação aos “nativos”, o próprio Menasse, afinal, não difere substancialmente desta mesma visão: o retorno à certeza

sensível – ou o fato de que esta certeza sensível nunca tenha sido abandonada – é por ele claramente associados à realidade brasileira. Constrói-se, assim, uma espécie de perplexidade ante o caráter incompreensível de uma realidade brasileira que é, ao mesmo tempo, condenada e fascinante, sedutora e repulsiva.

4 A certeza sensível como experiência dionisíaca

Jeanne Marie Gagnebin (1997) discute o conceito platônico de mímese e propõe como sua tradução o termo alemão *Darstellung*. Na épica antiga e nas artes visuais da Antiguidade, os conceitos da subjetividade e da expressão individual desempenhavam um papel apenas na medida em que tinham algum significado na existência de uma coletividade: a arte entendia a si mesma como representação objetiva de uma realidade que se encontrava fora do âmbito artístico.

Assim, o universo da mímese é o universo do domínio da imagem, do *eidolon*, isto é, uma espécie de idolatria. É nesse sentido que GagnebinAGNEBIN afirma que a mímese em Platão e entre os filósofos gregos posteriores a Platão é considerada como um “elemento do engano e da ilusão”, associado a uma “regressão das capacidades críticas”. (GAGNEBIN 1997: 84) Ela também afirma que “tanto a psicanálise quanto a etnologia descrevem a *mimesis* como comportamento regressivo”. (GAGNEBIN 1997: 84) A dissolução e o naufrágio da consciência por meio da mímese são também experiências que exercem um forte poder de atração:

O comportamento mágico-mimético ameaça profundamente o sujeito que, ao querer se resguardar, arrisca o seu desaparecimento, a sua morte na assimilação ao outro. Há, no entanto, e como já assinalamos ao citar Freud, um componente profundamente prazeroso também e justamente nessa perda: muito originariamente e profundamente, existe um desejo de dissolução, de aniquilamento dos limites que, ao mesmo tempo, constituem e aprisionam o sujeito. Esse desejo – tão bem analisado por Bataille – remete à paixão e à sexualidade, ao êxtase religioso e místico, mas também, e inseparavelmente, à dor da loucura e à decomposição da morte. (GAGNEBIN 1977: 88)

A dialética entre *mimesis* e *logos* faz com que a felicidade paradisiaca proporcionada pela *mimesis* seja perdida. A experiência da regressão à certeza sensível aproxima-se, igualmente, de uma experiência paradisiaca na medida em que significa a libertação imediata do peso da auto-consciência. A sensação de união com o infinito só pode ser alcançada por meio da renúncia e da negação do individual e do subjetivo:

Gagnebin (1997: 89) fala da dissolução do indivíduo na embriaguez do não-ser, da renúncia ao eu.

O retorno à certeza sensível é uma das formas possíveis desta embriaguez, desta forma peculiar de felicidade. A regressão e a fuga em direção à certeza sensível significam também deixar o político, o racional e os propósitos de lado, libertar-se completamente de seu peso. E o poder de atração exercido por essa regressão é proporcional ao grau de alívio por ela proporcionado.

No romance *Sinnliche Gewißheit* o fenômeno da *mimesis* é retratado, por exemplo, no baile à fantasia do Bar Aspirina, no bairro paulistano dos Jardins. Os participantes dessa festa, cujo tema é *A rainha do carnaval*, estão todos fantasiados, e por meio das fantasias mais provocantes cria-se uma atmosfera de sensualidade exacerbada, cuja culminação se dá com a chegada de um grupo de travestis, homens que, ao mimetizarem o gênero oposto, levam a *mimesis* e a renúncia ao eu a um paroxismo.

Se há em *Sinnliche Gewißheit* personagens como Beatriz, que aparentemente se assemelham aos europeus, mas cujas existências são orientadas pelo hedonismo inconsequente e pela sensualidade, os personagens mais importantes destes romances e de *Selige Zeiten, brüchige Welt*, Leo Singer, Judith Katz, Joseph Löwinger, Oswald e Roman Gilanian, são europeus que se mudaram para o Brasil, ou filhos de europeus que se mudaram para o Brasil, onde experimentam, também, uma espécie de regressão. Suas trajetórias são todas marcadas por um mergulho no hedonismo e na embriaguez dos sentidos, o que acaba por impedir a realização dos seus projetos.

O Brasil, assim, surge como o lugar do epicurismo, dos deleites e da sensualidade, mas também como o lugar do retorno ao dionisismo. A realidade brasileira dos anos 1980 aparece como fundamentalmente hostil aos artistas e aos intelectuais: todos os projetos culturais dos austríacos residentes no Brasil representados nesses romances terminam em nada. O primeiro exemplo é o do jovem estudante de artes Oswald, que se refugia no Brasil para escapar da polícia austríaca. Em Viena, ele havia espancado um jornalista, que se manifestara de maneira crítica com relação a um seminário sobre arte e revolução. Ainda que no início de sua estadia no Brasil Oswald tenha sido capaz de organizar uma exposição de suas pinturas numa galeria bem conceituada, em vez de empregar o dinheiro que conseguiu ganhar desta forma para dar continuidade a seu trabalho criativo, ele

resolve abrir um bar, o que significa o fim de sua carreira. Como dono de um estabelecimento noturno, o *Bar Esperança*, ele vê sua saúde posta em xeque pelas noitadas em meio à existência cinzenta dos alcoólatras, que não têm esperanças nem planos. Assim, suas forças criativas se esvaem.

O que se passa com Leo Singer, protagonista de *Selige Zeiten, brüchige Welt*, também presente na narrativa de *Sinnliche Gewißheit*, não é muito diferente. Tendo interrompido seus estudos de filosofia em Viena para se ocupar das propriedades de seu pai em São Paulo, das quais ele e sua mãe são herdeiros por causa da morte súbita do pai, ele se vê prisioneiro de processos em torno dessas propriedades, que se arrastam por anos a fio, até se dar conta de que já é tarde demais, de que ele nem voltará a Viena, nem concluirá seus estudos. O dinheiro obtido com a venda dessas propriedades seria suficiente para lhe possibilitar uma vida confortável, sem precisar trabalhar. Ainda assim, esta liberdade se revela ilusória, pois todos seus esforços no sentido de conceber uma obra filosófica significativa são malogrados. Só o que lhe resta é proferir conferências no *Bar Esperança*, tendo como única audiência a clientela alcoolizada.

O destino de Gilanian, *Lektor* do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), enviado de Viena para o São Paulo para ensinar alemão na USP, não difere em muito destes dois: ele acaba impedido de exercer sua profissão porque paira sobre ele a suspeita de representar ideologias de esquerda.

Quanto a Judith Katz, a brilhante ensaísta que se dedica ao tema da volta do anjo da história de Walter Benjamin, ela termina seus dias viciada em cocaína, e acaba por suicidar-se. E Joseph Löwinger, o bem-sucedido banqueiro e mecenas sempre disposto a ajudar os jovens expatriados austríacos em seus projetos culturais, que constrói para si mesmo uma mansão no Morumbi e ali tenta reproduzir os modos de vida da alta burguesia judaica vienense destruída pelo nazismo, termina arruinado pelas intrigas do governo militar, perdendo até mesmo a maior parte de sua valiosíssima coleção de obras de arte.

A sociedade brasileira, como representada nos romances brasileiros de Menasse, aparece não só grotescamente deformada, determinada por distorções estruturais, autoritária e injusta, como também fundamentalmente hostil à cultura. O Brasil é representado como um lugar de barbárie e regressão, onde qualquer pessoa delicada e empática acaba sucumbindo às circunstâncias desfavoráveis, e onde todos os propósitos

culturais são levados ao malogro por causa do alcoolismo, das drogas, dos excessos sexuais.

Assim, a imagem do país que transparece das páginas desses romances é a de um lugar ameaçador e perigoso, ao mesmo tempo sedutor e destrutivo, onde as almas educadas conforme os modelos hegelianos facilmente sucumbem à regressão e ao naufrágio nas certezas sensíveis.

Confrontados com os descaminhos paradoxais da cultura europeia depois de suas grandes catástrofes no século XX, os personagens europeus destes romances buscam no Brasil novos caminhos, mas terminam regredindo a um estágio de consciência implícita e explicitamente condenado pelo autor, que, portanto, subscreve tacitamente às ideias hegelianas, se não acerca da história, ao menos acerca da consciência, e que contempla os brasileiros com o estranhamento e a distância que separam, no modelo hegeliano, a razão da certeza sensível.

Assim, a certeza sensível não tarda a se transformar em náusea e seu predomínio é também representado como ridículo: o papagaio que Roman Gilanian dá de presente a Beatriz em meio a um seu caso de amor com ela emblematiza a ciranda de prazeres que repetem sempre idênticos a si mesmos no interior de sua gaiola dourada.

O tempo da certeza sensível, que se contrapõe ao tempo do progresso, é representado no romance a partir de um prisma negativo. Ao mesmo tempo, as ilusões do progresso, típicas da mentalidade burguesa e colonial, representadas nos romances por meio de figuras vinculadas ao capitalismo industrial alemão em São Paulo, tais como Norbert, o amigo apressado de Gilanian, e D. Ilse, são também denunciadas e criticadas por Menasse.

Entre a regressão à certeza sensível, condenada por Hegel (e por Menasse), e a impossibilidade da ilusão do progresso e do reerguimento dos escombros da civilização burguesa no século XX, os romances brasileiros de Menasse terminam em aporias: de um lado, o modelo hegeliano, cujos derivados aberrantes são, por exemplo, D. Ilse e Norbert, são representados como figuras grotescas, obcecadas por um progressismo sem sentido e por uma cegueira desumanizadora que ecoa o próprio nazismo; de outro lado, o abandono das ideias progressistas significa, no romance, a entrega a uma sensualidade dionisíaca igualmente inaceitável. Tanto os clichês colonialistas europeus com relação

aos brasileiros quanto os clichês brasileiros com relação à Europa como o *locus* da civilização são desconstruídos por Menasse, sem que alguma visão alternativa chegue a ser expressa. Assim, o autor parece condenar ambos – e ao mesmo tempo, também, subscrever a ambos.

O *anjo da história*, tema do trabalho inacabado de Judith Katz, parece encontrar-se paralisado nos enredos destes romances: seu avanço contínuo, que na verdade é um recuo em relação ao paraíso, revela-se catastrófico; sua volta, impossível. Resta, apenas, a paralisia que leva os personagens do romance à ruína.

Referências bibliográficas

- ANGEHRN, Emil. Das Denken der Geschichte. Hegels Theorie des Geistes zwischen Geschichtsphilosophie und Philosophiegeschichte. *Internationales Jahrbuch des Deutschen Idealismus*, 10, 2014, p. 198-215.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GOLLNER, Helmut. „Von der Schönheit des Hassens: Hass und Hässlichkeit als Kulturwiderstand in der österreichischen Gegenwartsliteratur“. *Pandaemonium Germanicum*, v. 24, n. 44, 2021, p. 219-245. Acesso em 19 de outubro de 2021.
- HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*. Leipzig: Reclam, 1924
- HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Köln: Anaconda, 2010.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1955.
- MENASSE, Robert. *Sinnliche Gewißheit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- MENASSE, Robert. *Selige Zeiten, brüchige Welt*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

Recebido em 26 de junho de 2023

Aceito em 29 de agosto de 2023

Editor: Daniel Reizinger Bonomo